

Dois mestres/artistas e pintores que figuraram as respectivas experiências da guerra

Diogo Velez ^a

Resumo: O presente artigo estuda o papel dos pintores militares na perpetuação das intervenções bélicas, por meio das obras de Adriano de Sousa Lopes e Cândido López. Sousa Lopes immortalizou a Grande Guerra através de suas pinturas, capturando não apenas as batalhas, mas também a dureza da vida nas trincheiras e baterias de artilharia. Da mesma forma, López retratou vividamente a Guerra da Tríplice Aliança, destacando não apenas os combates, mas também a vida cotidiana dos soldados. Ambos os artistas oferecem uma visão única e detalhada do cenário militar, contribuindo para a compreensão histórica e emocional desses eventos. O artigo demonstra como as obras ressaltam a importância dos artistas militares em documentar e preservar a memória das guerras, proporcionando um testemunho visual duradouro dos momentos cruciais da história.

Palavras-chave: pintores militares, Grande Guerra, Guerra da Tríplice Aliança, cotidiano dos combatentes.

OS ARTISTAS

Apesar de ambos terem obras artísticas de outras temáticas, neste escrito pretende-se dar a conhecer quem foram dois homens que vivenciaram experiências de guerra como pintores e apresentar algumas das respectivas obras. Um pode ser descrito formalmente como sendo algo

eclético, que oscilou entre as aproximações ao impressionismo e formas de representação mais académicas. Percorreu uma grande diversidade de temas, dos retratos, paisagens e naturezas mortas a episódios da história.

O outro classificado como integrante da *naif* tornou-se célebre através dos seus quadros históricos sobre a Guerra da Tríplice

^a Coronel do Exército Português. Associado Correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Fig. 1 – Autorretrato (1917) – Adriano de Sousa Lopes



Fonte: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa

plice Aliança. A ideia de representar as experiências da guerra teve sua origem durante a campanha, como testifica sua liberdade de esboços.

Adriano de Sousa Lopes (13 de fevereiro de 1879 - 21 de abril de 1944) nasceu no lugar de Vi-

digal, freguesia de Pouzos, concelho de Leiria. Foi um gravador e pintor modernista português. Em 1898 inscreveu-se na Academia de Belas Artes. Partiu para Paris em 1903 como pensionista do Legado Valmor em Pintura de história; frequentou a *École Nationale des Beaux-Arts* e, depois a Academia Julian. Faz uma viagem a Itália em 1907, e depois regressou a Paris. Foi nomeado pelo governo da República capitão-artista do Corpo

Expedicionário Português¹ (CEP), e realizou em 1917 uma missão oficial com o objetivo de propaganda. Quando chegou à frente de batalha, passou a ter uma visão mais pessoal da guerra, destinada a testemunhar o drama



humano das trincheiras de França. Algumas das suas extraordinárias pinturas estão visíveis no Museu Militar de Lisboa².

Pintor expressamente eclético oscilou entre as aproximações ao impressionismo e a formas de representação mais académicas. Transitou por uma imensa diversidade de temas, dos retratos, a paisagens e a naturezas mortas, a episódios da história.

Cândido López (29 de agosto de 1840 - 31 de dezembro de 1902) nasceu em Buenos Aires e foi um pintor argentino que nasceu no seio de uma família crioula. Evidenciando veia especial pelas artes, estudou com professores italianos (Carlos Descalzo, Baldassarre Verazzi e Ignacio Manzoni) em uma época em que a pintura era pouco praticada na cidade-porto. Ainda

Fig. 2 – Autorretrato (1858) - Cândido López



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires¹

jovem, aprimorou-se como pintor-retratista e fotógrafo-retratista, dedicando-se a fotografar pequenas cidades das províncias de Buenos Aires e Santa Fé.

Quando começou a Guerra da Tríplice Aliança³, ele estava planejando uma viagem à Europa



para aperfeiçoar a sua arte, mas decidiu-se pelo ingresso no exército para lutar na guerra. Assim conseguiu registrar cada momento e traçou noventa pinturas e contou as suas experiências num diário: — “Ao me apresentar como soldado voluntário em defesa de meu país em uma guerra nacional também me propus a servir como historiador com o pincel”, — narrou López numa carta que enviou a Bartolomé Mitre, em junho de 1887.

Em 1865, integrou como voluntário o batalhão de infantaria de San Nicolás que partiu para o norte sob o comando máximo do general Wanceslao Pauñero. Esta decisão não constituiu uma rotura com a pintura, já que o jovem tenente “carregava” consigo o material necessário para realizar o seu objetivo de fixar cenas daquele conflito. Dos oitocentos que marcharam para o combate, voltaram, cinco anos mais tarde, apenas 83, em boa parte estropiados, como no caso de Cândido López. A sua vida e a sua arte mudaram na batalha de Curu-

paytí⁴, quando uma granada destruiu sua mão direita e seu braço teve que ser amputado para estancar a gangrena. O “Curupaytí maneta”, como ficou conhecido desde então, foi obrigado a treinar a mão esquerda e, ao longo dos anos, pintou cinquenta e dois quadros. Algumas peças representam acampamentos militares, outras narram batalhas ou momentos em que um rio é atravessado de margem a margem, outras fainas militares, invernadas de gado, fortalezas inimigas conquistadas, navios sobre rios (Paraná, Paraguai etc.), embarque de tropas de entre outras.

SEUS PERCURSOS

Adriano de Sousa Lopes em 1917 realiza uma primeira exposição individual, na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), em Lisboa. Nesse ano parte para a Frente na Grande Guerra como oficial artista, produzindo uma série de trabalhos em que regista a ação do Corpo Expedicionário



Português. Em 1918 instala-se perto de Versailles e faz esboços preparatórios sobre a Grande Guerra. A 31 de julho de 1919, foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Em 1923 expõe em Paris. Até 1927 viaja pela Europa e pelo Norte de África, passando temporadas em França e em Portugal; nesse ano expõe de novo na SNBA, e assume a direção do Museu Nacional de Arte Contemporânea, em Lisboa. Ao longo da década de 1930 recebe diversas encomendas oficiais, nomeadamente para o Museu Militar de Lisboa e para o Salão Nobre da Assembleia Nacional, projeto que ficará interrompido pela sua morte.

A sua obra inicial do período parisiense revela uma "admiração empenhada pela pintura académica, que praticou como discípulo de Cormon", assemelhando-se por vezes ao "simbolismo temático e pictural vindo de Ingres a Gustave Moreau"; a esta situação estilística concernem pinturas como *Ondi-*

*nas*⁵ (1908) e *Caçador de águias* (1905), pertencentes à coleção do Museu do Chiado. Renovou a sua pintura através de uma aproximação ao impressionismo.

A participação na Grande Guerra como oficial encarregado de pintar os seus temas determinou a fase seguinte da sua vida. Sousa Lopes realizou uma série genericamente denominada *Portugal na Grande Guerra*, em que ilustrou de forma expressiva uma multiplicidade de cenas tais como: *9 de Abril* ou *O capitão Beleza dos Santos atravessa uma densíssima barragem de artilharia e consegue salvar a sua bateria de 75*.

Em 1978, a Câmara Municipal de Lisboa homenageou o pintor dando o seu nome a uma rua próxima da Avenida Álvaro Pais, em Lisboa.

Cândido López retratou a Guerra da Tríplice Aliança desde as trincheiras (uma das características de sua obra sobre a Guerra do Tríplice Aliança é que ele não só pintou os combates, segundo a tradição da pintura de



batalha, mas também outros aspectos do conflito, como as marchas do exército e a vida nos campos). López foi soldado e cronista: escreveu um diário e esboçou a carvão cenas da guerra em que uma coligação - formada por Uruguai, Argentina e Brasil - lutou contra o Paraguai entre 1864 e 1870. Na batalha de Curupaytí, López perdeu o seu braço direito, reeducou o esquerdo e levou parte desses esboços para a tela.

As pinturas a óleo de López têm grande valor testemunhal e artístico, pois ele foi um ator histórico que pintou o que sofreu nas frentes de batalha. Foi à guerra não só com armas, mas também com papel e lápis para testemunhar o que estava a acontecer.

A maioria das pinturas vinha acompanhada de textos explicativos dos acontecimentos (exemplo: para depois da batalha de Curupaytí o seu texto é dos mais breves: — “Obedecendo ao toque de retirada, as tropas o iniciaram sem ser perseguidas pelo inimi-

go. Quando ao alcance do desfilar não ficou um só soldado aliado, o Regimento nº 12 de infantaria paraguaio saiu das trincheiras a coletar a pilhagem”). Os seus textos serviam para descrever o que não se vê. Assim, ele relatou que tal unidade militar não aparece na pintura, por questões espaciais, mas oferece a sua localização exata, garantindo a faculdade de reconstituir toda a cena.

López declarou que as suas pinturas sobre cenas de guerra não eram precisamente um primor, mas os pormenores e a precisão dos fatos, guardados no tempo alcançariam certamente a história do seu país. O pintor nunca deu relevo artístico à sua obra, mas as suas pinturas foram reconhecidas tanto artisticamente como pelo seu valor testemunhal (além de toda a valia estética a sua obra é fonte documental não só do processamento histórico, mas também do processo ambiental).



SUAS OBRAS

Fig. 10 – As mães dos Soldados desconhecidos, de Adriano de Sousa Lopes



Fonte: Museu Militar de Lisboa

Fig. 11 – No Museu Militar de Lisboa, as salas com as monumentais pinturas de Adriano de Sousa Lopes dedicadas à Grande Guerra e à participação portuguesa no conflito.



Fonte: Acervo do autor



Fig. 12 – Assalto da 1ª coluna brasileira a Curupaytí, de Cândido López, 1897



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires

Fig. 13 – Assalto da 2ª coluna brasileira a Curupaytí, de Cândido López, 1894



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires

Fig. 14 – Assalto da 4ª coluna argentina a Curupaytí, de Cândido López, 1898



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires



Fig. 15 – Depois da batalha de Curupaytí, de Cândido López, 1893



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires

Fig. 16 – Ataque da esquadra brasileira às baterias de Curupayty, em 22 de setembro de 1866, de Cândido López, 1901



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires

Fig. 17 – Representação artística da batalha de Tuyutí, de Cândido López, 1876-1885



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires



Fig. 18 – Soldados paraguaios feridos, prisioneiros da batalha de Yatay, de Cândido López, 1892



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires

Fig. 19 – Travessia de um rio, de Cândido López



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires



SÚMULA ADICIONAL

A temática da guerra vista apenas por eventos políticos e militares é apenas uma escassa e simplificadora perspectiva da história, e em muito exaurida de conteúdos emotivos e humanos. Muitas vezes a guerra é-nos relatada em documentos oficiais, por testemunhos pessoais, por jornalistas, até por boatos ou ainda por notícias preparadas convenientemente pelos vencedores ou por quem controla a comunicação social e a história oficial.

Um artista de guerra é um artista encarregado por um governo, ou imbuído de automotivação, para documentar a sua experiência de guerra sob a forma de um arquivo ilustrativo ou de uma descrição de como os eventos no campo de batalha se desenrolam na vida de quem a cruza; e/ou para fins de informação ou propaganda. Os artistas de guerra exploram com mestria as dimensões visuais e sensoriais da guerra, muitas vezes ausentes

em histórias ou relatos escritos sobre a guerra.

Os artistas de guerra podem estar envolvidos como espectadores das cenas, militares que respondem a vigorosos impulsos internos para reproduzir a experiência direta da guerra, ou indivíduos que são oficialmente encarregados para estarem presentes e registrar a atividade militar. Um artista de guerra cria um relato visual do impacto da guerra, apresentando como os homens e as mulheres se preparam, lutam, sofrem, celebram, ou são destruídos.

As suas obras ilustram, realçam e registam (as atividades militares que o visual e a escrita não obtêm) experiências da guerra, sejam elas aliadas ou inimigas, militares ou civis. A função do artista e da sua obra tem um propósito essencialmente educacional.

Os militares artistas são importantes sem dúvida, pois são testemunhas estéticas de um momento de suma importância na história militar da humanida-



de, uma vez que contribuem para criar uma visão da intervenção bélica onde estão inseridos.

A panorâmica destes dois ilustres artistas que procuramos fixar pretende ser alcançada com apenas alguns dos mais significativos trabalhos que ambos realizaram. Pretendeu-se dar uma visão geral de duas tendências estéticas através das quais se retratam vivamente os acontecimentos de quem os viveu *in loco*, em períodos dramáticos da história da humanidade.

Deseja-se, mais que tudo, que estes nomes e estas obras não sejam esquecidos, mas sim recordados como pedagogia para os entes vindouros.

NOTAS

¹ O Corpo Expedicionário Português foi a principal força militar portuguesa que participou na frente europeia da Grande Guerra. Foi enviada para o norte da França com a finalidade de, através da sua participação ativa no esforço de guerra contra a Alemanha,

que também ameaçava os territórios ultramarinos portugueses, conseguir apoios dos seus aliados, evitar a perda daqueles territórios e estabelecer uma reputação séria a nível europeu. Portugal também enviou para França outra força: o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI) que se destinou a responder a um pedido de ajuda francesa, ficando sob comando do Exército Francês, sendo aí conhecido por *Corps de Artillerie Lourde Portugaise* (CALP) e tendo operado artilharia superpesada de caminho de ferro, com obuses de 320mm, 240mm e 190mm.

² O Museu Militar de Lisboa é uma unidade museológica do Exército Português que se localiza no Largo dos Caminhos de Ferro em Lisboa. É o maior museu militar em Portugal e um dos mais antigos da cidade de Lisboa, sendo possuidor de um vasto e valioso património museológico (coleções apresentadas em 33 espaços expositivos de: peças de artilharia em bronze; azulejaria; quadros e esculturas). Encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1963. Em 10 de junho de 2022, foi agraciado com o grau de Membro-Honorário da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, pelo Presidente da República.

³ A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorri-



do na América Latina. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai. Estendeu de dezembro de 1864 a março de 1870. É também chamada Guerra da Tríplice Aliança, na Argentina e no Uruguai, e de Guerra Grande, Guerra Contra a Tríplice Aliança e Guerra-Guaçu no Paraguai.

⁴ A batalha de Curupaytí foi uma das grandes batalhas da Guerra do Paraguai, travada no dia 22 de setembro de 1866 no Forte de Curupaytí, às margens do rio Paraguai. Foi um confronto que envolveu cerca de 25 mil soldados, sendo 20 mil soldados aliados e por volta de 20 navios da Armada Imperial, contra 5 mil paraguaios entrincheirados.

⁵ Ondinas são uma categoria dos elementais religiosos, sendo associadas com a água quase que invariavelmente descritas como femininas, e normalmente encontradas em piscinas florestais e cachoeiras. Apesar de parecerem humanas, não possuem uma alma humana, pois são espíritos da natureza. Sua forma humana é resultado da proximidade que elas mantêm com os humanos, adquirindo sua aparência.